

PREPOSITION STRANDING NO PORTUGUÊS BRASILEIRO?

Sinval Araújo de Medeiros Jr.*
(Uesb)

RESUMO

Neste trabalho, estudam-se construções do português brasileiro em que se verifica a ocorrência de elementos preposicionais aos quais não se segue a realização de nenhum elemento foneticamente realizado. Embora aparentemente semelhante ao fenômeno de *preposition stranding* (verificado, por exemplo, em línguas como o inglês), postula-se, no estudo que aqui se faz, que a ocorrência da preposição em sentenças como “Família é uma coisa que eu não consigo ficar sem” não resulte de movimento, como parece ser o caso de língua como o inglês, mas da presença de um resumptivo nulo.

PALAVRAS-CHAVE: *Preposition stranding*. Resumptivos. Português brasileiro.

INTRODUÇÃO

De acordo com o que têm apontado vários estudos acerca da estrutura do Português Brasileiro (PB), esta língua tem apresentado uma série de características em seus usos que a diferem daquilo que se preconiza como norma padrão. Essas diferenças abarcam, entre outros aspectos, a questão do movimento de constituintes de uma posição argumental para uma posição não-argumental, deixando uma cópia apagada em sua posição de origem. Quando o sintagma movido é complemento de uma preposição (P), a literatura afirmar ocorrer: **(a)** para a norma padrão, o fenômeno de *pied-piping*, no qual todo o sintagma preposicional (PP) é movido junto com seu complemento,

Além das construções acima, para as quais se postula movimento, pode ocorrer a presença de um resumptivo, como no exemplo (3), o que sinaliza, pelo menos, que o movimento, se houver, parece não se ter dado a partir de uma posição argumental:

(3) *Qual professor_i vocês estavam falando sobre ele_i?*

Todavia, não se encontraram, na literatura, estudos acerca do PB que abordem construções como (4), na qual P permanece *in situ*, sem introduzir nenhum elemento foneticamente realizado.

(4) *Qual professor_i que vocês estavam falando sobre (que professor)_i?*

MATERIAL E MÉTODOS

A análise que aqui se fará tem por fundamento o referencial teórico-metodológico da Gramática Gerativa nos moldes do Programa Minimalista. Parte-se do pressuposto de que “as derivações devem ser tão econômicas quanto possível” (CHOMSKY, 1999, p. 222). Além disso, esse mesmo princípio de economia deve orientar a derivação de sentenças e, destarte, se há duas construções que têm, aparentemente, a mesma estrutura sem interpretação distinta, muito provavelmente devem sofrer o mesmo processo de derivação. Como parte do procedimento metodológico, sentenças como as apresentadas de (1) a (4) foram submetidas ao juízo de gramaticalidade de falantes do PB, de Vitória da Conquista, no Sudoeste da Bahia, sendo-lhes questionada a interpretação atribuída às sentenças julgadas gramaticais.

interpretação básica, havendo alguns que apontaram a existência de ambiguidade em (2) entre “falar sobre” e “falar com”. Desse modo, é anti-econômico postular que essas sentenças hajam sido derivadas de modos distintos.

Assim, postula-se que construções como (4) acima, embora aparente similares ao fenômeno de *preposition stranding* (abandono de preposição ou preposição encalhada) verificado em língua como o inglês (Which teacher were you talking about?), sejam derivadas de modo diferente e integrem, na verdade, um conjunto de características do PB que inclui a representação, por meio de um pronome - lexical ou nulo (CYRINO, 1999) – para retomar elementos já presentes na sentença.

O que parece ocorrer é que, na derivação de sentenças como (2), (3) e (4), ilustrativas de construções não-padrão, são selecionados dois elementos: um deles, resumptivo, ocupa uma posição argumental no interior do TP; o outro ocupa uma posição não-argumental, externa ao TP. O elemento resumptivo pode ser lexical ou nulo (um *pro*), como ilustrado de (5) a (7), abaixo:

(5) *Qual professor* [_{TP} vocês estavam falando sobre *ele*]_i?

(6) *Qual professor* [_{TP} vocês estavam falando sobre *pro*]_i?

(7) *Qual professor* [_{TP} vocês estavam falando *pro*]_i?

Resta explicar a diferença entre (7), em que a preposição não é realizada foneticamente, e (5) e (6), em que ela o é. Já é tradicional na teoria linguística a idéia de que há preposições que têm caráter estritamente funcional (basicamente, atribuir caso) e outras que apresentam, também, um caráter lexical. Relacionando-se esse aspecto à adoção de um pronome resumptivo nulo, explica-se a não realização da preposição em (7): quando o resumptivo é selecionado nulo, a

Quando o resumptivo é lexical, ambos os tipos de proposição são realizados, já que há elemento realizado ao qual atribuir caso, como nos exemplos (5) e (8) acima. Ocorrências como (6), deste modo, resultam da seleção de um resumptivo nulo e de uma preposição com forte conteúdo lexical.

CONCLUSÃO

Acredita-se que a proposta apresentada fornece uma descrição satisfatória das estruturas não-padrão analisadas aqui, além de mais econômica que propor que cada uma das sentenças de (1) a (4), com a mesma interpretação, apresente estratégias de derivação diferentes: com movimento e *pied-piping* (1); com movimento, sem *pied-piping* e com o apagamento de preposição (2); com movimento e com *preposition stranding* (4); sem movimento e com um resumptivo (3).

REFERÊNCIAS

- CHOMSKY, N. **O programa minimalista**. (Trad. Eduardo Paiva Raposo). Lisboa: Editorial Caminho, 1999.
- CYRYNO, S.M.L. **O objeto nulo no português do Brasil. Um estudo sintático-diacrônico**. Londrina: Editora UEL, 1997.